



**CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES (1949-2023)
E A DIMENSÃO GEOBIOFÍSICA DO “GEO-GRAFAR”:
PEQUENO TRIBUTO A UM GRANDE GEÓGRAFO**

*CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES (1949-2023) AND THE GEOBIOPHYSICAL
DIMENSION OF “GEO-GRAFAR”: SMALL TRIBUTE TO A GREAT GEOGRAPHER*

*CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES (1949-2023)
ET LA DIMENSION GÉOBIOPHYSIQUE DU « GEO-GRAFAR » :
PETIT HOMMAGE À UN GRAND GÉOGRAPHE*

Marcelo Lopes de Souza

Professor Titular do Departamento de Geografia da UFRJ; pesquisador 1A do CNPq

Email: mlopesdesouza@terra.com.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

INTRODUÇÃO

“Eu não sei como alguém pode fazer Geografia sem ter um conjunto de informações extremamente bem sistematizadas sobre a Climatologia, sobre a Geomorfologia, sobre a Biogeografia.” (Carlos Walter Porto-Gonçalves, 1999)

A frase que estou a empregar como epígrafe deste texto foi dita em meio a uma entrevista conduzida por Paulo Cesar Scarim em agosto de 1999, mas publicada, como uma homenagem a Carlos Walter Porto-Gonçalves, recém-falecido, em 2023, na revista GeografarES (Scarim, 2023, pág. 24). De todo modo, não foi a primeira e não seria a última vez em que Carlos Walter Porto-Gonçalves, ou simplesmente Carlos Walter, se exprimiu ou exprimiria de maneira parecida. O mesmo espírito se acha, na verdade, presente em muitos de seus trabalhos e em seu ativismo ao longo de décadas; e foi isso, precisamente, que o distinguiu de muitos colegas geógrafos (humanos) intelectualmente formados na esteira da influência da “virada crítica” da disciplina, nos anos 1970 e 1980. A referida entrevista, aliás, oferece diversos outros exemplos de como o entrevistado encarava a Geografia Física e sua importância – importância, diga-se de passagem, não apenas para a própria Geografia, mas para o mundo, como veremos. A ponderação que acima reproduzo é, não obstante, ao mesmo tempo tão relevante e tão emblemática que decidi lhe dar particular destaque, aproveitando-a como verdadeiro mote para este tributo, coerente com o escopo de Margarida Penteado: Revista de Geomorfologia.

O caminho que levou Carlos Walter a uma tal compreensão, mais que qualquer convicção epistemológica, foi o bom senso de um ativista ambiental no sentido mais largo da expressão. Acompanhemos o que ele havia dito, pouco antes, na mesma entrevista, sobre as necessidades de atores sociais concretos que, como ele diria, geo-grafam a terra e a Terra – isto é, a afeiçoam, imprimem-lhe marcas, “escrevem” sobre ela –, bem como sobre o quanto é preciso que os geógrafos estejam sintonizados com essas demandas:

Hoje, os caras estão querendo saber como é que eles plantam (...), como é que gerenciam o espaço, como é que tem água disponível, onde é que tem; aí não tem geógrafos de recursos hídricos, que isso não é



Geografia Crítica. Assim, a gente acabou desqualificando aqueles que fazem este tipo de pesquisa, como se aquilo não fosse uma Geografia Crítica. Pode até nem ser Geografia Crítica, mas é um conhecimento necessário para a humanidade, tem uma legitimidade. Eu te digo mais, mesmo que esse sujeito não seja crítico, esse conhecimento que ele está produzindo – e a gente tem que lutar para que ele produza – vai ser fundamental para humanidade e para a gente que vai fazer o debate político e vai precisar deste conhecimento, independentemente deste rapaz fazer ou não o debate político. (Scarim, 2023, pág. 23).

Talvez essas palavras soem óbvias para muita gente (especialmente para a maior parte dos leitores deste meu texto), mas basta nos lembrarmos do virulento dogmatismo e da irrazoabilidade assombrosa de décadas passadas (mazelas que, de todo modo, não acabaram por completo...) para aquilatarmos o quanto essas palavras de Carlos Walter são um enorme testemunho de sensatez e, mais ainda, de humildade. Humildade que fez com que o depoimento (assim como outros depoimentos semelhantes do autor) tivesse um certo sabor também de autocrítica, muito embora ele nunca tenha feito parte da legião de geógrafos que pensaram que, para atingirmos profundidade na análise da produção social do espaço, precisaríamos ou deveríamos menosprezar os conhecimentos de detalhe sobre os processos, dinâmicas e ciclos geobiofísicos – dado que estes seriam de somenos importância para o conhecimento do que era tido por essencial: decifrar a relação entre sociedade e espaço. Para Carlos Walter, o que mais importava não seria tanto o rótulo “Geografia Crítica” (que tantas vezes poderia não passar de uma vazia e narcisística declaração de boas intenções), mas sim a utilidade social do conhecimento produzido. Ademais, ele não simpatizava com a ideia de um espaço geográfico tornado abstrato, porquanto purgado de um aspecto essencial de sua materialidade: aquilo que a humanidade não criou, mesmo que modifique, mas que faz parte do mundo e de nós mesmos. Carlos Walter sabia muito bem que a “natureza segunda” das construções e infraestruturas, dos campos de cultivo e de tantas outras coisas, só adquire pleno sentido para a vida e as lutas das mulheres e dos homens concretos quando entrelaçada com o estrato originário da “natureza primeira”, com seus relevos e intempéries, com sua fauna e sua flora, com seus rios e seus mares (ainda que tudo isso seja percebido e culturalmente “construído” de formas peculiares segundo a época e o grupo ou povo, e ainda que a sociedade sempre tenha alterado e cada vez mais influencie a própria materialidade de muitos processos e estruturas naturogênicos, em várias escalas).

Nem mesmo duas décadas antes daquela entrevista, em um texto seminal e programático de 1978, o jovem Carlos Walter caíra na esparrela de propor algo como uma indiferença em face dos conhecimentos geobiofísicos, por mais que ele propusesse, isso sim, uma historicização (e uma politização) da nossa maneira de ver e lidar com a “natureza”. No seu entendimento,

(...) os conceitos do materialismo histórico poderiam ser de grande valia à abordagem “ecológica” que nos últimos anos recrudescer com a crescente conscientização do problema da depredação da natureza. Pressionados por esta situação, os estudos dos ambientes e do inter-relacionamento homem-natureza começam a exigir dos geógrafos respostas que possam dar conta desses fenômenos. (Porto-Gonçalves, 1978, pág. 24)

Poderíamos dizer que o interesse, manifestado, portanto, já na juventude, pela problemática ambiental, salvou Carlos Walter da tacanhez de jogar fora o bebê com a água do banho. Como ele próprio interpretou, quando da entrevista de 1999:

Porque eu, como vinha pela questão ambiental também, pela experiência de campo, que foi muito forte para mim, então eu já valorizava a questão ambiental como uma questão pertinente. Isso talvez tenha feito eludir uma discussão que eu acho que precisaria ser repensada. Eu acho que há uma acusação de que a Geografia Crítica discriminou a Geografia Física. Eu acho que essa crítica é uma crítica parcialmente verdadeira, porque eu acho que o que aconteceu foi uma tentativa de ver a questão ambiental, para muitos,

como sendo a maneira de tratar a relação homem e natureza, sociedade e natureza; eu diria que esse teria sido meu caso. (Scarim, 2023, pág. 22)

Na realidade, porém, o papel que a sensibilidade pessoal e científica de Carlos Walter desempenhou foi igualmente fundamental. Em primeiro lugar, porque ele não foi o único geógrafo crítico brasileiro a se debruçar, partindo da Geografia Humana, sobre a questão ambiental; nem todos, porém, cultivaram, como ele soube cultivar, vínculos de afeto, respeito e admiração para com geógrafos físicos como Aziz Ab’Sáber, Dirce Suertegaray e outros tantos. Em segundo lugar, porque ele, ao mergulhar nos “mundos da vida”, ao adentrar o terreno da práxis, o fez de tal maneira que permitiu que aflorasse em sua plenitude o geógrafo completo, não reducionista que nele habitava. As lutas sociais, que para alguns pareciam sugerir o banimento do interesse pelos conhecimentos da Geografia Física, foram, para Carlos Walter, pelo contrário, o grande estímulo para que ele percebesse a importância crucial (real ou potencial) daqueles conhecimentos para numerosas lutas. Isso ocorreu concomitantemente a outra constatação de sua parte: a de que os movimentos sociais e as existências (ou, como diria ele depois, “r-existências”), criando e recriando saberes locais sobre solos, aproveitamento das águas, fauna e flora, o obrigaram a ser um geógrafo atento à totalidade do real. Com efeito, mais de uma vez Carlos Walter disse ou deu a entender que os atores locais e seus saberes o levaram a (re)valorizar conhecimentos de Geografia Física aprendidos nos bancos da graduação. O geo-grafar (outro insight terminológico-conceitual que dele herdamos) protagonizado pelos atores sociais – seringueiros, indígenas, geraizeiros, quilombolas, camponeses etc. – foi, ao lado de umas tantas influências científicas (recebidas de Orlando Valverde, do próprio Aziz Ab’Sáber, e assim sucessivamente), a fonte de inspiração para que a Geografia de Carlos Walter fosse generosa e hospitaleira. Uma Geografia não mutilada, não bitolada. Tudo isso salta aos olhos ao nos familiarizarmos, sobretudo, com os seus trabalhos derivados de investigações empíricas e parcerias práticas (vide, p.ex., Porto-Gonçalves, 2003 e 2019).

Precisamos, nós, nesta terceira década do século XXI, nos apressar em seguir o exemplo de Carlos Walter Porto-Gonçalves, entendendo que a realidade e suas prioridades – expressas nas agendas públicas e de luta – esperam, dos geógrafos, diálogo e colaboração internos, e não divisionismo, fragmentação. (A rigor, admito, essa é apenas uma forma retórica de me exprimir; o mais das vezes, os atores sociais não esperam nada de nós, porque pouco ou nada nos conhecem. O caminho para nos tornarmos socialmente conhecidos e relevantes, como socialmente conhecido e relevante foi Carlos Walter, passa, entre outras coisas, justamente pela percepção de que o conhecimento da produção social do espaço e o conhecimento da dimensão geobiofísica do mundo material podem e devem ser vistos como mutuamente complementares.)

Precisamos, em suma, urgentemente, ultrapassar de vez os anos 1970 e 1980, deles retendo os inegáveis avanços que dos debates daquela época advieram (como a muito maior valorização da teorização e do estudo da Filosofia, o apreço pelo debate interdisciplinar, a crítica do empirismo e do funcionalismo), ao mesmo tempo em que é imprescindível deixarmos para trás as nefastas tendências centrífugas e desagregadoras. Quando uma revista de Geomorfologia como Margarida Penteado convida um geógrafo como eu, que não sou geomorfólogo e não realizo pesquisas empíricas em Geografia Física, para escrever um texto em homenagem a Carlos Walter, que tampouco era propriamente um especialista em algum ramo da Geografia Física, mas que contribuiu enormemente para a construção de pontes entre nós geógrafos, renova-se a sensação de que estamos no caminho certo, coletivamente. Já não era sem tempo.

REFERÊNCIAS

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter (1978): A Geografia Está em Crise. Viva a Geografia! Boletim Paulista de Geografia, v. 55, p. 5-29.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter (2003 [1998]): Geografando nos Varadouros do Mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a Reserva Extrativista). Brasília: Edições Ibama.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter (2019): Dos Cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimento científico. Rio de Janeiro e Goiânia: FASE e CPT.

SCARIM, Paulo Cesar. Entrevista com Carlos Walter Porto-Gonçalves. Geografares, n. 37, 2023. On-line (<http://journals.openedition.org/geografares/9823>), acesso em 22/01-2024.